

CORREIO CULTURAL



Paul Thomas Anderson, diretor de 'Uma Batalha Após a Outra'

DGA consagra Paul Thomas Anderson

O diretor de "Uma Batalha Após a Outra", Paul Thomas Anderson, venceu o DGA Awards, o prêmio do sindicato dos diretores dos Estados Unidos, de melhor direção em longa-metragem. A premiação é um importante termômetro para o Oscar, marcado para o dia 15 de março de 2026. Anderson concorreu com Ryan Coogler ("Pecadores"), Chloé Zhao ("Hamnet"), Guil-

lermo del Toro ("Frankenstein") e Josh Safdie ("Marty Supreme"). O diretor de "O Agente Secreto", Kleber Mendonça Filho, não estava na disputa. Essa foi a terceira indicação de Anderson ao DGA Awards. Seu nome já esteve entre os indicados em 2021, por "Licorice Pizza", e em 2007, por "Sangue Negro". A premiação do DGA é um forte termômetro para o Oscar.

Legado a ser protegido

Em entrevista ao jornal britânico The Guardian, a mulher do ator Chadwick Boseman, Simone Ledward Boseman, compartilhou as pressões para tomar decisões sobre qual seria o legado do marido, ao mesmo tempo em que lidava com o luto. Boseman, que teve a carreira catapultada após viver o primeiro protagonista negro da Marvel, em "Pantera Negra", morreu aos 43 anos em decorrência de um câncer de cólon, em 2020. "Não preciso criar o legado dele, só preciso protegê-lo", afirmou à publicação londrina.

Nova função

O trombonista brasileiro Felipe Brito foi escolhido para assumir a direção geral do Festival de Jazz Clark Terry - Phi Mu Alpha, cuja 16ª edição será realizada nesta sexta-feira e sábado (13 e 14) na Southeast Missouri State University, em Cape Girardeau (EUA). Educador, compositor, gestor cultural e doutor em Música pela Universidade do Texas (EUA), Felipe consolida sua trajetória como uma das vozes mais influentes da música brasileira no exterior. Sua formação se deu em ambientes onde a música unia pessoas de diferentes origens.

Nova função II

Educador, compositor, gestor cultural e doutor em Música pela Universidade do Texas (EUA), Felipe consolida sua trajetória como uma das vozes mais influentes da música brasileira no exterior. Sua formação se deu em ambientes onde a música unia pessoas de diferentes origens.

O recorde de Bad Bunny

A NBC Sports revelou que o show de Bad Bunny no intervalo do Super Bowl foi o mais assistido da história do evento. A apresentação alcançou cerca de 135,4 milhões de espectadores. O recorde anterior era de Kendrick Lamar, com mais de 133 milhões de espectadores em 2025. O show do porto-riquenho foi o primeiro cantado inteiro em espanhol no evento.



Bothayna Al-Essa conta uma história perturbadora na qual personagens não tem nome em 'A Biblioteca do Censor de Livros'

Uma ode à imaginação

Escritora do Kuwait cria distopia sobre censor que se apaixona por livros proibidos

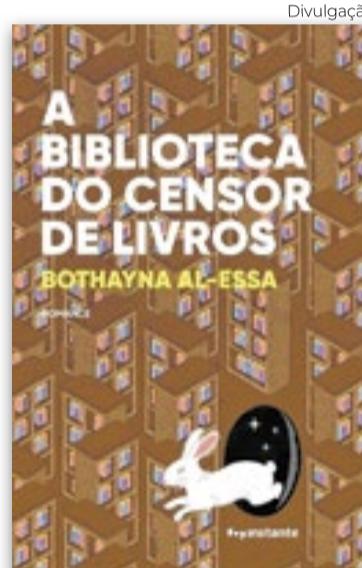
DIOGO BERCITO

Folhapress

Em um futuro distópico, sob um governo autoritário, um homem é contratado para ler romances. Com uma condição: não pode gostar deles. Quanto mais odiar os livros, melhor. É, afinal, um cargo de censor e seu trabalho é proibir e queimar qualquer obra que contrarie o regime. Em especial, o censor tem de coibir qualquer uso da imaginação. Já nos primeiros dias de trabalho, o homem entende o quanto difícil é seu novo emprego. O primeiro livro que ele precisa censurar é o clássico "Zorba, o Grego", de Nikos Kazantzakis. Encanta-se com o texto e, em vez de proibir o romance, decide escondê-lo no fundo do guarda-roupa.

A escritora Bothayna Al-Essa, do Kuwait, conta essa história perturbadora no romance "A Biblioteca do Censor de Livros", de 2019. O livro saiu no Brasil pela editora Instante, traduzido por Jemima Alves. Ela é uma das mais celebradas vozes literárias do Kuwait, tendo fundado a biblioteca e editora Takween. Foi também uma das líderes do movimento popular contra a censura abolida no país apenas em 2020.

O livro se passa "em algum momento no futuro, num lugar cujo nome seria inútil mencionar, já que se parece com qualquer outro lugar". Os personagens não têm nome, sendo mencionados como "censor", "esposa" e "filha", por exemplo, dando



O romance, com tudo isso, é uma espécie de história de terror. Assusta principalmente porque é uma extração de ideias que já existem no presente. Diversos países de fala árabe, por exemplo, proíbem romances que violem a moral pública. Um caso emblemático foi a prisão do egípcio Ahmed Naji em 2016 por alusões sexuais em "Usando a Vida".

Esse não é um problema apenas do Oriente Médio, é claro. Nos Estados Unidos, 3.752 livros foram banidos de escolas públicas no último ano letivo, segundo a associação de escritores PEN. Entre eles, "Laranja Mecânica" e "Wicked". Já no sul do Brasil, escolas públicas tentaram barrar a circulação do romance "O Avesso da Pele", de Jeferson Tenório.

Bothayna faz uma defesa da literatura e uma ode à imaginação, em "A Biblioteca do Censor de Livros". São as metáforas e as figuras de linguagem que redimem o protagonista em sua jornada rumo às profundezas dos significados. Ele se dá conta de que o limite divisorio entre a realidade e a imaginação também é, afinal de contas, imaginário.

É uma leitura intrigante. Onde Bothayna escorrega é no uso de referências literárias. Sua ideia, explica no prefácio, é dialogar com os clássicos da literatura. Mas tudo o que aparece é um pouco batido, como "Alice no País das Maravilhas", "Chapeuzinho Vermelho" e "Pinóquio". São clássicos, sim - mas são os clássicos da superfície, digamos assim, já desgastados por tanto uso. Isso vale também para o começo do livro, que brinca com a manjada abertura de "Metamorfose", de Franz Kafka.

Nesse sentido, surpreende e incomoda que todas as referências sejam do cânone ocidental. Bothayna perde a valiosa oportunidade de inserir a literatura árabe nesse cânone e de reivindicar, assim, sua universalidade.